



O HOMEM ACINZENTADO

– Matheus Peleteiro –

O HOMEM ACINZENTADO

Matheus Peleteiro

APPALOOSA
Online Indie Publishing

Livro: AP0011

Peleteiro, Matheus

O Homem Acinzentado

Matheus Peleteiro – 1 Ed. 2018

Appaloosa Online Indie Publishing

Capa:

Unsplash | Public Domain,

Image by Deividas Toleikis

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing

Felippe Regazio / Design & Publishing

Este Livro Contém:

. O Homem Acinzentado

*"E o meu grito impotente
se perde
na acústica indiferente
das cidades."*

— Cora Coralina

Versos que jamais lerão
são expostos ao vento
como pulmões empesteados por fumaça de cigarro
e tripas de um coração acinzentado
enterrado no deserto.

O tempo e o cansaço suprimem os transeuntes,
enquanto fragmentos dos seus instantes
- os quais já tiveram a ambição de se tornarem grandes
são dedicados à preguiça.

Pessoas caminham pelas ruas atrasadas
em busca do suficiente
para pagar as prestações do novo smartphone que lhes
possibilita
assistir a vida sem que precisem viver.

E o homem acinzentado
assiste a tudo isso,
enquanto o peso da derrota o esmaga,
e ele sorri
por saber
que estar na pele do vencedor
seria pior ainda.

PRÓLOGO

Este livro é uma espécie de confessionário revelado por um ser acinzentado. Uma confissão excessiva previamente assinada por um homem assumidamente concretizado pela cidade. Um homem que, desde já, assume nada mais ser, senão aquele que condena a si mesmo por ter se apaixonado pelo que é doente, vil, estúpido, e profundamente excitante.

Para apresentar-lhes a classificação a qual me ponho, faz-se necessário salientar que ao homem-urbano, aquele que deixou o cinza da cidade tomar conta das suas entranhas até que impregnasse a sua pele e se tornassem um só, não cabem classificações. Ele é extraordinariamente venturoso, contudo, demasiadamente melancólico para ser chamado de alegre. Estupidamente realista, mas, sereno o bastante para não ser classificado como um admirador da tristeza. Pois é, meus caros, notem que sinto uma profunda necessidade de deixar claro que não admito que tentem me rotular com quaisquer adjetivos que sejam! Senhores, eis que sou um ser-urbano! E não existem palavras capazes de classificar aquele que não possui uma identidade, senão a característica de possuir

uma vontade irreparável de viver em constante mudança. Preguiçoso o suficiente para não enriquecer com as próprias ambições, orgulhoso demais para se queixar da vida; insano o bastante para não ser taxado de careta, excessivamente equilibrado para ser taxado de louco; o ser-urbano é um misto de tudo. É o grande encontro das magistrais e ínfimas teorias sociológicas comportamentais; o desencontro de todas as estatísticas. Repito, o homem-urbano não possui identidade! Ele respira a fumaça e deixa que ela o leve, porque sabe que não há e nunca houve nada que restrinja um homem mais do que um rótulo.

No entanto, essa perspicácia sobre tão serena compreensão, essa sensação de superioridade ínfima a que se coloca, é a mesma que o lembra e o constrange, ao assimilar que, o próprio ato de se desclassificar, o põe num rol exemplificativo ao lado de dezenas de outros seres que se limitaram ao mesmo nicho "dos que não se restringem".

O homem-urbano foi enclausurado num cárcere de concreto, no entanto, as imposições trazidas pela cidade fizeram com que pessoas das mais diversas personalidades não soubessem ao certo quais foram, um dia, tidos como comportamentos reprováveis; permitindo que tudo fosse aceito e legítimo. É claro que ainda existem alguns desajustados arcaicos com costumes ultrapassados; mas, o

fato é que o homem-urbano caminha para frente pois sequer considera as outras direções. Ele simplesmente vê as manadas caminhando para trás e para os lados e, de algum modo, sabe que não é para lá onde deve ir.

Eis que sou um homem-urbano, e o homem-urbano nada mais é do que um ser que admira o verde e condena a concretização da cidade ao tempo em que a ama profundamente. O homem-urbano é uma construção da sociedade. Ele rejeita e subjuga o lugar ao qual foi colocado, mas se alimenta das suas falhas e aberrações para expandir o próprio horizonte.

O homem-urbano passa fome, mora em buracos, segue trocando de empregos a cada mês, altera seus caminhos a cada esquina, mas, durante o percurso, converte tudo isso em arte através das próprias mãos. O homem-urbano é um quadro surrealista sem esplendor, uma pintura abstrata descolorida. E tudo isso se dá porque o surreal já se tornara inofensivo há décadas. Em tempos de concreto, é a realidade o que sufoca.

Mas ele respira! E tosse... A vida segue maravilhosamente mal. Ou bem, a depender da forma com a qual escolhemos enxergar.

SOBRE O HOMEM ACINZENTADO

Bem, como já devem ter notado, sou um parasita. Um vampiro da ignorância. Aquilo que me causa raiva e indignação é o mesmo que me desperta o apetite. Sou pior do que um sanguessuga, afinal, um sanguessuga se nutre do sangue das suas vítimas, possui um ar destemido e ataca a sua presa. Eu, sou inofensivo. Um covarde. Um covarde que se utiliza da estupidez alheia para extrair imbecilidades com as quais se diverte.

“Mas que ideia mais insana. Para que diabos surge o homem-urbano e que importância é dada a ele que justifique a sua necessidade de registro?”, você deve se perguntar, provavelmente me confrontando com certo desdém ou desprezo. Para que me entendam, eu lhes peço: olhem para os seus lados, senhores! Sentem-se nas praças, aguardem a sua vez de pagar numa fila e observem! Se notarem com astúcia, perceberão: todos estão ansiosos para contar-lhes a própria história. Todos estão loucos para serem ouvidos e desesperados para falar. E essa loucura já não é a mesma loucura fascinante das histórias de Lewis Carrol, posso lhes garantir. Prestem atenção! Se assim o fizerem, notarão que ninguém quer lhes escutar, mas, ainda assim, não param de falar. O que

mais existe no mundo moderno são pessoas carentes. Neste contexto, surge o homem-urbano, ciente da sua não importância que justifica a sua necessidade, ansioso para não ser escutado.

Bem, pensando deste modo e, considerando que eu, um ninguém em conflito consigo mesmo, meditando sobre a beleza da cidade e o aroma do caos, não vou até você, leitor, mas deixo que venha até mim, não estou certo em dizer que estou sendo, de certa forma, cortês e civilizado? E a civilidade não permite que eu me exponha do modo que achar conveniente, pressupondo até que devam me escutar para que a minha civilidade seja retribuída? Percebam, de certo modo, eu sou um cavalheiro, afinal, não é qualquer um que respeita os ouvidos e o desinteresse alheio.

Sim, civilizado, é isso que sou quando não sou eu mesmo. É assim que pareço antes de ser um livro: um produto da civilização. No entanto, para prosseguir, preciso apenas destrinchar o seu conceito, que se perdeu daquilo que foi escrito nos dicionários, durante a construção das cidades e das leis.

A civilização, que um dia já foi descrita como *“condição daquilo que se encontra em avanço; desenvolvimento cultural; progresso”*, se tornou retrógrada, intolerante, selvagem, destrutiva. Perdeu a capacidade de interpretar o que lê, de amar o que cativa, de ouvir o que

escuta; até que chegou no agora, momento em que o homem civilizado simplesmente cospe as suas intolerâncias habitualmente enquanto caminha pela cidade.

No entanto, essa evolução, que mais parece um retrocesso, foi a responsável e culpada - por que não? - por permitir que surgisse o homem acinzentado: o homem-urbano que calejou a sua alma depois de dezenas de decepções sociais; o homem que deixou que o cigarro o fumasse por inteiro e fez-se cinzas; a mulher que, ao olhar para os lados, antes de sentir medo, desdenhou dos perigos a que se pôs.

Ainda respondendo ao questionamento anterior, sobretudo conscientemente quanto a inutilidade de tal registro, sinto-me confortável para afirmar: a vida que todos acreditam é uma enganação, uma farsa. Pois bem, para isso, foi criado o homem-urbano, para enxergá-la como realmente é, suportá-la e degustá-la. Nós nascemos, crescemos, contamos piadas, sorrimos, contemplamos as emoções mais incríveis - e por isso absurdas -, e, de repente, *boom*, falecemos. Nossos olhos não mais se abrem, nossa carne vira pó, nossos ossos: brinquedos de cachorro, nossas mentes deixam de sonhar e os vermes tomam conta dos nossos restos.

Eis a minha puramente imaginária tese - sem embasamento algum e por isso tão mais interessante que

as teorias comuns: acredito que Marte é uma espécie de Planeta Terra envelhecido que participa de um ciclo vicioso no qual o sol é o protagonista. Quando o sol se aproxima de um planeta, ele proporciona a temperatura ideal para que as partículas levadas por meio de meteoritos e afins se desenvolvam e deem origem à vida, num período impreciso perfeitamente calculado por algum Deus que não existe. Após alguns milhões de anos, a vida surge, se torna inteligente, começa a destruir o planeta, e então depois de milhões de anos, quando os seres já estão evoluídos o bastante para compreenderem que o planeta findará, vão para um outro planeta, onde se instalam, se reproduzem e se reproduzem até que as histórias se percam pelo caminho e ninguém mais saiba ao certo tudo o que aconteceu no passado. Os homens certamente destruíram os vestígios da própria história em momentos de surto. Talvez se Alexandria não tivesse sido incendiada ainda houvessem registros inimagináveis sobre o passado. A natureza é perfeita, o ser humano, destrutivo. É tudo calculado. Mas eu não sei de nada disso, e não sei se seria mais triste ou alegre se soubesse.

Como sobreviver a tudo isso sem que sinta que está mais próximo da morte a cada dia? Sendo um homem-urbano! O homem-urbano é a solução. A serenidade, a salvação! O antídoto, impregnado de vírus.

Às vezes, pensando nisso, ainda sinto uma dor

terrível e indescritível ao enxergar a magia com que os sorrisos da minha mãe e da mulher que me deixou tocam o meu coração, e depois, lembrar que, a qualquer momento, estes poderão se findar. Uma bala perdida, um infarto, um acidente automobilístico. E eu lhes pergunto: como pode viver um homem tendo consciência da sua finitude? Será que as pessoas simplesmente não pensam nisso?

Você pensa nisso?

SOBRE O SER-URBANO

Oh, que irônico! Está confiança parece demonstrar que esta narrativa seguirá os trilhos de um desabafo. Um desabafo de um homem que alega ser feliz em meio ao cinza, que hilário. Tal deboche parece desonesto e irrisório, contudo, senhores, ao fim deste relato, prometo que será notória a minha honestidade. Ou talvez não, se eu terminar por provar ser um bom escritor e conduzi-los até o fim justamente através das minhas mentiras.

Quando ainda era um homem comum, me admirava ao notar a serenidade dos que conseguiam encarar a morte. Convenhamos que é algo muito mais difícil e duro do que inventar um Deus e fingir acreditar que ele lhe proverá a vida eterna. Constantemente me lembrava de um diálogo que vi num seriado da televisão, em que o personagem dizia "às vezes penso que Deus foi uma invenção das mães para que seus filhos pudessem dormir à noite", e tudo parecia fazer sentido e ser ainda mais assustador.

Mas hoje, enquanto os ratos se reproduzem, as indústrias sopram fumaça, e a música toca, eu consigo perceber que a vida é um tapete vermelho rolando pelas

avenidas, constituindo um extenso corredor da morte. E, lhes asseguro, há uma indescritível beleza oculta na corrida.

Você, leitor, me perguntou para que serve o homem-urbano, eis que te respondo: ele existe para fazer com que aqueles que ainda carregam uma gota de vida possam enxergá-la. E eu posso lhes garantir: quando a enxergar, seja na maneira de caminhar de um de nós, ou no tristonho som de um blues tocado sob os trilhos do metrô, a morte não mais te preocupará.

Porém, já lhes adianto: é tudo muito difícil. É tudo muito difícil...

SOBRE VALORES E SERIEDADE

Para permitir que me entendam da melhor maneira, sinto que tenho o dever imposto por mim mesmo de explicar mais algumas particularidades do homem acinzelando... Gosto de imaginar o que estão pensando e divagar sobre o que eu quiser pensar a partir dos questionamentos cheios de certezas que imaginei habitar a mente de vocês. Agora, por exemplo, suponho que estão se perguntando, “mas em que tipo de valores esse tal homem se pauta”, “ele tem valores?”, “se ele se reconhece como um fracassado, por que o revela de forma pedante?”, não é verdade? Afinal, no que consistiria um homem sem valores? Em nada, provavelmente. Ou num homem, de qualquer modo, que também não tem valor algum se a ele nenhuma glória for conferida. Em resposta a isto, a essa comum e tradicional ideia, que hilariantemente já permiti-ra que a frase “o trabalho dignifica o homem” fosse pronunciada, eu pergunto a vocês: se acreditassem que não há ser algum, seja ele superior ou um mero humano, te observando enquanto expõe aquilo que habita dentro de ti, quais seriam os valores que pulariam do seu peito? Posso apostar que muitos dos princípios os quais seu intelecto afirma serem

os mais virtuosos seriam rapidamente suprimidos pela sua índole. É nessa supressão que se pauta o homem-urbano. Todos esses valores entediante tido como absolutos: seriedade, maturidade, compostura e desesperança, o que são? Pressupostos de um homem adulto metamorfoseado numa besta, ora! É dito que nenhum homem sério pratica determinados atos, mas, a verdade é que nenhum homem sério jamais soube o que é viver.

Nós vivemos a modernidade, e, para tal, é necessário ter consciência de que o conceito de integridade é deturpado, todos os dias, através do surgimento de diferentes concepções, de modo que, hoje, aquilo que nos torna íntegros, é o mesmo que nos converte em idiotas. Os homens que prezam demais pela seriedade e pela integridade se tornaram homens sisudos, tristes, "decentes". A compostura nos priva da chama que alimenta a alma, denominada inconstância.

Há também aqueles que confundem bom humor e sarcasmo com constrangimentos que lhe tiram o merecimento ao respeito – esses são os mais engraçados. Sentem-se aptos a liderar, enquanto tudo que mereciam era um palco para que apresentassem stand-up comedy genuíno. Há aqueles que pregam que você deve ser implacável e jamais demonstrar fraqueza. Há aqueles românticos almofadados que se dizem marginais e afirmam que tudo que você precisa é de muita dor e uma

pessoa do outro lado do telefone recusando sua chamada a cobrar.

Porém, são estes mesmos homens os que se suicidam por terem se posto rédeas. São estes os que mantém o mundo numa eterna queda livre. A seriedade é a covardia de não gargalhar das ironias e dos maus bocados que a vida nos põe. Mais do que a boa imagem, a seriedade nos priva da vida. E é por isso que muita gente morre se convencendo de que a aspereza é uma vitória.

E o homem-urbano? O homem-urbano se liberta da busca pelo adjetivo perfeito. Ele é aquilo que a sua consciência permite que seja, e sofre as consequências de ser o que é. Pois, se em toda a existência do homem empestado pelo cinza, ele aprendeu alguma coisa, foi que tolo é aquele que acredita que a seriedade pressupõe respeito e se deixa aniquilar a espirtualidade. E, ainda que a maioria entenda dessa maneira, ser conivente com isto é uma estupidez.

SOBRE A LIBERDADE

"Mas do que gosta esse referido homem acinzentado? Afinal, o que é o homem acinzentado?", vocês ainda devem desejar que eu esclareça, correto? Ah, ainda que já tenha realizado uma leve explanação, posso apostar que o deixei confuso e intrigado com essa indagação.

Bem, já é tarde para as mentes de homens como eu, em que a hora é sempre madrugada, e não vejo mais motivos que sirvam de empecilho para que conclua a minha explicação quase didática sobre a nossa origem, composta por muitos e ninguém.

A verdade é que não tenho como negar, ou sequer fingir gostos peculiares e rebuscados. Não há mais para onde fugir. Já me utilizei de todas as possíveis formas de rodeios. Agora, sintam-se à vontade para me condenar! Sou a praga que pairou sobre o planeta terra para destruir a natureza e aniquilar os fantásticos animais.

Assim como todos da minha espécie, gosto do cinza, da tecnologia, do cosmopolitismo das cidades grandes, das guerras de classe. Tenho mil endereços, mas não resido em nenhum deles. Me delicio com o cheiro da poluição, do óleo queimando, e dos perfumes extraídos de plantas raras, que se sobressaem mesmo quando há

chorume. É verdade, são momentos de prazer e satisfação, porém, às vezes, sinto que isso terminará por aniquilar tudo o que há dentro de mim.

A verdade é que o homem-urbano é um homem maduro demais. Nada mais que isso. Ele foi amadurecendo, amadurecendo e amadurecendo, até que, com o decorrer dos anos, das frustrações e das derrotas, percebeu que a maturidade só traz tristeza. Sob tropeços, rasteiras e quedas, aprendeu que a cada lágrima que se derrama com demissões, despedidas, frustrações amorosas e novas dívidas, se fortalece o homem que habita a cidade e se deixa guiar por ela. Concluiu que fracassar é ter resiliência, diferentemente do que pensavam as pessoas que tatuavam essa palavra todos os dias, e descobriu que as frustrações amorosas são como diários: você deve guardar para si pelo bem-estar coletivo. Por isso os perde-dores não precisam de psicólogos e apenas os ricos se suicidam. Todo homem acinzentado é um caminhante solitário com saudades da infância.

O homem-urbano é o último ser humano capaz de tecer críticas sem se importar em ser chamado de esnobe e arrogante por aqueles que a tudo enxergam como arco-íris, e, ao mesmo tempo, o único ser capaz de detestar sem se tornar consumido pelo seu ódio. Por isso, não tenho como negar, sou um ser urbano. Gosto de assistir a chuva caindo pela janela enquanto me enrolado num

edredom bem grosso, mas também gosto de tomar chuva e me sujar de lama enquanto todos na rua abrem o seu guarda-chuva. A chuva só molha quem não a enxerga como um banho dos céus. Gostaria também de me deliciar com o contato das gotas escorrendo pelo corpo, porém, esse tipo de alegrias modestas soa inalcançável para mim, que de tudo rio, mas de quase nada me arrepio, de modo que já não sei se me orgulho ou me culpo por esta razão.

Talvez pareça apressado ao me apresentar, presunçoso ao expor aquilo que pode ser chamado de minha espécie, ou até convencido por explanar tais conceitos de forma tão apaixonada, mas, prezados, devo enfatizar a todo momento que não é privilégio algum ser um homem acinzentado. Se qualquer juiz pudesse ler o veredicto de um coração acinzentado, lá estaria escrito: "Culpado. Condenado a liberdade perpétua sem possibilidade de absolvição".

O homem-urbano é um homem livre que não compreende a liberdade.

SOBRE O RISO E O CIRCO DE HORRORES

Foi estressante e cansativo o processo que me trouxe onde cheguei, mas, se as coisas não tivessem ocorrido dessa maneira, na minha gargalhada não haveria tanto desdém, na minha seriedade não haveria tanto humor, e na minha felicidade não haveria tanta angústia. Haveriam apenas interrogações infinitas.

Para que me transformasse no homem que vos fala agora – se é que posso ser chamado de homem, considerando que já me sinto sábio o bastante para ser chamado de animal – tive de analisar, profundamente, as relações humanas, a sua hipocrisia; e, principalmente, a ignorância proveniente da sua apatia intelectual.

"Ah, mas isso é evidente. Isso sempre estive diante de nossos narizes, basta que observe as classes menos favorecidas e aqueles que tiveram pior educação para que perceba tudo isso", você deve dizer, quase me gozando. Devo concordar com suas palavras, quando diz que sempre estive diante das nossas faces, no entanto, ficaria surpreso se eu te dissesse em quais homens encontrei a ignorância, a apatia intelectual, e a soberba cômica por seu caráter irrisório.

Com quem aprendi isso? É simples, com os intelectuais, ora! Com os filósofos, que passam horas discutindo nada para chegar a lugar nenhum; com os historiadores que leem e releem os mesmos fatos como se os mortos lembrassem de nós; com os sociólogos que... bem, os sociólogos são rapazes interessantes.

Vocês devem se perguntar "como pode alguém ser um devorador de livros de filosofia e, ao mesmo tempo, um total ignorante?", estou certo? Ah, meus caros, isso é mais comum do que imaginam. E por incrível que pareça, é demasiadamente óbvio. A resposta está em frente a nossas faces, basta que observemos com um pouco mais de perspicácia. Ouso dizer que este fato é tão recorrente que constitui um quase pleonasma.

Truffaut foi perspicaz ao adaptar "Fahrenheit 451", e adicionar nele um diálogo em que, um dos bombeiros responsáveis por incendiar as bibliotecas com o intuito de manter a sociedade distante dos livros, ao ser questionado sobre o porquê da queima de livros, responde: "está vendo isso aqui? 'A Ética de Aristóteles'. Qualquer um que o lê passa a se achar acima dos outros. A única maneira de sermos felizes é sendo iguais". É irrefutável que o humor estava presente em sua fala, porém, mais óbvio ainda era o escancaro em torno da imbecilidade intelectual por trás de sua alfinetada. Como costumam ser prepotentes os intelectuais...

É evidente que fora duro caminhar o caminho que percorri até aqui. Vi grandes músicos jogados ao limbo; grandes autores classificados como não amigos do meio literário, e, por isso excluídos de todas as mídias; e até mesmo cineastas criticados por "fazerem pensar demais". Nada disso fazia sentido; e só depois de muitos anos apanhando dei a primeira gargalhada. Foi com uma piada – provavelmente gerada sem nenhum intuito de gerar risos – de Aldous Huxley, a qual questionava: "e se o mundo for o inferno de algum outro planeta?". Naquele momento percebi que não compreendia nada e passei a compreender tudo. A humanidade estava condenada, e eu estava ali, em meio a isso. Poderia sofrer e lamentar, é claro, mas, por que diabos eu faria uma coisa dessas? Seria muito mais divertido satirizar o horror, desdenhar dos imbecis poderosos socialmente, frustrar sonhadores – tudo bem, isso é muito mais deslumbrante quando se deixa a cargo da vida.

Lutei contra a minha consciência por diversas noites. Ela insistia em dizer esta não era a forma correta de encarar as coisas. Berrava em minha cabeça que eu precisava fazer alguma coisa, todavia, era tão indecisa quanto narcisistas escolhendo roupas; e nunca conseguia me apresentar modos de ignorar tal ideia.

Com o tempo, passei a não saber mais o que importa, e nem querer saber. Afinal, se nada importa,

tudo acaba tendo o mesmo valor, não é mesmo?

É dada muita importância para coisas vãs, e quase nenhuma atenção para aquilo que já nasce monumental. Para que foi dado um cérebro ao homem? Será que um dia algum ser será capaz de explicar isso?

SOBRE A DESCOBERTA DA CIDADE

Lembro de um episódio, proveniente da minha vinda do campo, há mais de uma década, que ainda se repete em minha memória. Carregado por sonhos, naquele dia, eu podia amar a mais simples borboleta pousando numa xícara de café.

Imaginava a cidade como um quadro colorido do Romero Britto. Todos os batons vermelhos, o céu sempre azul, a areia de um branco opaco, as pessoas sempre bem vestidas, sem mais calças e blusas rasgadas ou desgastadas pelo tempo, e pessoas inteligentes por todos os lados. E então uma mulher se sentou ao meu lado, no pau de arara o qual tinha me submetido, e pareceu bastante nervosa.

Após cerca de seis horas de viagem, cansada e aflita, perguntou:

“Você acha que quando chegarmos na cidade as luzes vão ofuscar as estrelas?”

Eu olhei para o céu: ele estava lindo!

“É claro que não! Ouvi dizer que eles têm tecnologia de ponta. Devem ver as estrelas com ainda mais brilho e proximidade”, disse, transformando a minha imaginação em palavras dos outros.

Ela sorriu.

“Espero que sim. Não quero perder isso.”

Não tínhamos nada nos bolsos além de documentos e moedas, e nada nas mãos além de sacolas com roupas íntimas, poucas camisas e bermudas, sabonetes e alguns outros itens para higiene pessoal.

Éramos dois sonhadores no inferno procurando o paraíso, e isso nos uniu de modo que nos mantivemos numa maravilhosa fantasia. Nos dias em que sentíamos fome, antes de conseguir os nossos primeiros empregos, através de uma igreja que nos apresentou a alguns donos de uma padaria, brincávamos de fazer piadas com a força dos sons exalados por nossas barrigas, enquanto imaginávamos o que estaríamos comendo no mês seguinte.

“Lagosta, camarão e depois um sorvete”, ela sempre dizia.

“Hoje o seu estômago está tocando Beethoven”, eu respondia.

Quando perdíamos o humor, íamos para a porta da igreja e então conseguíamos algum lanche.

Nunca tinha sentido o que sentira por aquela mulher, cuja, para evitar lamentos, fiz questão de tentar esquecer o nome, mas eu nunca esqueci: ela se chamava Bárbara.

Na dificuldade nos amamos, e vivemos como se

fossemos um só, mas, quando fomos apresentados às indústrias e a sociedade, rapidamente perdemos o ar de desbravadores da vida que carregávamos. Ao invés das pitorescas paisagens do interior, agora nos seduziam os grandes arranha-céus.

Acreditava sermos muito apaixonados, um pelo outro, até que um dia um homem a convidou para ir morar na capital e trabalhar na sua empresa, que se desenvolvia como doenças incuráveis, e ela anunciou que iria embora, sem sequer convidar-me para acompanhá-la.

Abandonado e desolado, na nossa última conversa, antes de sua partida, perguntei:

“Você acha que um dia irão chorar por mim?”

Ela se calou, e fez-se um silêncio ensurdecedor no quarto.

“Por favor, ao menos minta”, supliquei.

“É claro que sim, meu amor.”

Naquela noite, pinteí meu coração de cinza e morri. Mas, no dia seguinte, eu nasci de novo.

Desde então, poucas vezes vi as estrelas. Percebi que, na cidade, as roupas que se rasgam estão sempre na moda, os batons vermelhos, quando raramente postos, se vão com o primeiro guardanapo, e a areia está constantemente suja de lixo.

E, agora, eu vago pelas avenidas, não mais tão alegre - pois agora tenho consciência de que a alegria é

um momento de surto -, mas, carregando uma paz de espírito que nunca antes carreguei. Sim, senhores, eu aperto a mão da existência todos os dias, e nós nos amamos como nenhum casal jamais se amou. Vocês podem achar estranho, no entanto, se de fato existe algum Deus, qualquer que seja, ele me escuta agradecer todos os dias, antes de me deitar, por poder respirar o ar da cidade e degustar desse cinza que luta todas as manhãs contra a luz do sol por detrás de lentes escuras, e me parece uma barbaridade que tantas pessoas protestem pelo mesmo motivo que celebro.

A poesia dos que não mais temem a frustração, as flores coloridas em outdoors digitais, os sorrisos tristes das mulheres lindas que se perdem, os mendigos conversando com cachorros, tudo isso, sob a lente do homem-urbano, parece acontecer ao som da mais bela sinfonia.

SOBRE O HOMEM-URBANO E A ARTE

O homem-urbano venera a arte. Venera o cinema, a música, a literatura, mas jamais poderá se dedicar inteiramente a nenhum destes, pois, deste modo, sucumbirá a fome. As massas suprimem a arte, a sociedade suprime as mais ambiciosas pretensões e, em algum momento, todos os que se submetem a elas se dão conta disso. Por isso, o homem-urbano aprendeu a ser sensato. Embora sinta medo de que as regras da cidade tomem a sua liberdade, tem convicção da sua paixão pela vida, e se integra ao jogo na tentativa de conseguir manter-se vivo sem desistir da partida.

Neste sentido, o homem-urbano é um artista por excelência. E, nessa perspectiva, me sinto como um ser híbrido constituído por paradoxos. Por vezes me pego sendo demasiadamente piegas; em outros momentos, me sinto completamente vanguardista e revolucionário – não na compreensão utópica de sonhador a qual lhe fora atribuída pela modernidade –, mas, de todo modo, sinto orgulho do que produzo das duas maneiras. Estar vivo e me recusar a pequenez da falta de pretensões são coisas que realmente fortalecem o meu ego e o meu narcisismo, de modo a não precisar escutar as impressões de ninguém a não ser as minhas próprias - embora vez ou outra me

divirta escutando-as pelo mero interesse de escutar novas dimensões de pensamentos.

Ao pincelar, sou um megalomaniaco. Não me permito colocar-me em posição inferior a ninguém; talvez, por não ter me encantando com nenhum pintor até então. E, por isso, na minha pintura me sinto o próprio Deus. Misturo tintas diversas na mais terrível miscelânea, e às vezes gargalho da própria horrorosidade da minha obra. Sou um grande sátiro das artes plásticas.

Musicalmente, sou um fracasso, mas não deixo de me intitular de “músico”. Assim como Tommy Wiseau, sou um artista do desastre. No entanto, eu e meu violão nos damos bem sozinhos. Ao cantar desafinando algumas canções que me arrepiam os pelos do braço, posso escutar os grandes sábios falando comigo, como se fossem grandes amigos e companheiros de solidão.

Como ator, sou um profissional. Aprendi a admirar os atores e atrizes não pelo seu caráter camaleão, ao se adaptar completamente a cada personagem, mas as suas personalidades quando capazes de representar o melhor ou o pior dos personagens de modo a torná-los admiráveis. Desse modo, aprendi a atuar na vida como alguém que realmente vive, e pude notar com clareza o quanto as pessoas se surpreendiam com a minha atuação aparente-mente pretenciosa. Eles preferiam optar pelo papel de personagens de novelas adolescentes durante as

suas vidas inteiras. Eu, alterava entre seriados e filmes da máfia italiana. Alguns dias preferia a classe, o sarcasmo, noutros, incorporava um hippie num filme sobre mochileiros. Gostaria que pudessem enxergar com os olhos do homem acinzentado ao menos por uma noite. Acredito que bastaria um dia para que todas as vidas se tornassem diferentes. Mas não posso, e todos os dias, quando caminho entre os grandes edifícios contemplando a minha liberdade, lamento por eles, que se ofendem com ela.

Já quando escrevo, sou uma completa confusão, talvez porque escrevo para mim mesmo, sem a pretensão de agradar a ninguém, e com o único intuito de me entreter profundamente, como faço agora. Mas, de que modo posso ser uma confusão escrevendo, se não há pretensão nas minhas palavras, e, por isso, tudo se supõe permitido, não é mesmo? Bem, ao ser seduzido pelas palavras, provavelmente por conta da minha falta de privilégios suficientes para me inserir no cinema, a escrita se apresenta como a arte que mais me apreende e inquieta. Bem, são inúmeras as acusações que se faz um escritor enquanto redige a sua obra. As principais delas se referem a inutilidade do texto e a condenação dos personagens. É muito difícil se despir de preconceitos, ao menos enquanto se narra uma história. É preciso saber enxergar o ponto de vista oposto e buscar sentido nele,

mesmo que isso o mate por dentro. Se um homem acinzentando taxar o mundo inteiro de imbecil, ele estará certo em grande parte, no entanto, se o homem acinzentando taxar o mundo inteiro de imbecil, e se recusar a permitir que os outros lhe provem o contrário, ele estará sendo um imbecil como todos os outros.

A literatura possui vastidão infinita, e abarca todos os tipos de seres humanos, inclusive aqueles que escrevem mentiras confortáveis. Em virtude disso, não seria possível excluir o homem-urbano de tal arte ao longo de toda a história. Os maiores escritores sempre souberam mergulhar nas loucuras dos outros indivíduos e torná-las suas, mas nunca conseguiram enaltecer a maneira inerte que alguns levam a vida. Mesmo aqueles que tentaram venerar ao campo, jamais se desvencilharam por completo das enfermidades das cidades. E não me refiro às enfermidades como a gripe, a pneumonia, e outras doenças naturais; mas, à apatia, à indiferença, à futilidade, à inveja... Nas cidades, os enfermos estão sempre desejando serem escutados. Sofrem de depressão, solidão, melancolia, carência... No entanto, acontece que já não há ouvidos para tantas palavras em meio ao enorme silêncio gerado pelos smartphones; e disso começam a surgir escritores provenientes das mais improváveis posições. Analistas, banqueiros, madames, youtubers... Escritores que nunca leram um livro sequer

por não gostarem de escutar ninguém além de si mesmos. Hoje em dia, o que é arte? Um conceito para igualar todas as obras pressupondo que a vontade de ser faz um artista. Eles perceberam que um livro podia ficar guardado na prateleira por anos e, de repente, num momento de solidão do leitor, ser pego e escutado como não ocorrera em meses de diálogos. E hoje os livros mais se parecem diários do que livros.

Um livro, quando lido, é sempre escutado. Por isso, é realmente triste pensar na quantidade de árvores que são derrubadas para a produção das dezenas de obras de carácter pessoal publicadas nos dias atuais. É estupidamente egoísta colocar estas obras nas mãos dos leitores enquanto o tempo de vida é pouco, e as obras que arripam podem estar perdidas na prateleira. É sabido que não se pode cobrar a atenção de ninguém. É deselegante, indecente. Ser humano algum lhe deve ouvidos. Porém, todo livro é também uma canção de afago. É sempre um companheiro de solidões. E o homem acinzentando sabe muito bem como extrair o tutano da solidão.

SOBRE OS ESCRITORES E A LITERATURA MODERNA

Se ainda não te convenci, caro leitor, de que a literatura contemporânea é uma confusão desmedida, soli-cito que acompanhe este raciocínio com máxima atenção, e observe como se desenha de forma lastimosa tal situação.

Inicialmente, peço que pense nos autores que conhece e os compare a jogadores de futebol. Se associar de forma meticulosa, perceberá que a maioria deles se comporta da mesma maneira. O escritor moderno faz poses para as redes sociais; finge que domina todos os argumentos possíveis de fundamentação crítica; tece comentários negativos sobre determinada obra ou forma de escrever através de argumentos relacionados a afeições pessoais e representatividade, e depois, de forma pomposa a lembrar do engravatado que critica, acende um cigarro, - ou põe uma xícara de café sobre a mesa - e começa a analisar determinados escritores, como se em sua voz tivesse razão (os escritores quase sempre acreditam ter razão). E então ele defende o seu time, o seu estilo, “fulano é um bom prosador, mas fraco poeta”. Após, se sente bem, poderoso, superior, e escreve textos

motivado pela mera necessidade de fortalecer seu ego e exaltar suas opiniões.

Compete com os outros escritores do ramo, também pouco prestigiados, como se houvesse uma tabela e a literatura fosse uma ciência exata, e alegam - sempre - que o líder de vendas está ali por pura sorte; ou roubo, desejando o seu lugar. Critica a divisão da literatura em grupos, o nepotismo, a injustiça do comércio, e tentam adentrar nestes territórios de qualquer maneira.

Constrangido e se pondo como injustiçado, classifica a todos que não integram o seu meio inferiores como sem alma, sem vigor... Discute literatura o tempo inteiro, cospe literatura, sangra literatura, esquece-se de viver! Como pode um escritor esquecer-se de viver? Como pode um escritor reduzir-se somente à literatura?

Então, senta-se em bares para beber cerveja artesanal, encontra-se com outros escritores, e se utiliza de entorpecentes ao tempo em que discute qual escrita é mais "fodida" (adjetivo de viés valorativo), como os torcedores quando discutem o time que está com o melhor elenco.

Essa síndrome do fodido! São como cachorros sendo adestrados para serem agressivos e ignorantes. Seus comentários são sobre livros, seus olhos só enxergam trocadilhos, suas piadas são restritas ao maldizer perante tal autor, e suas paixões são dedicadas àquele que perde

(o torcedor sempre torce para aquele que perde).

E, para completar, esse mesmo escritor, termina o seu poema dito "imortal", satirizando o homem que leva o futebol a sério. E o mais engraçado: eles dizem que não há valor na competição e nem na corrida.

Senhores, por favor, riam comigo! Notem como a hipocrisia é cômica e o narcisismo trágico; ou, se preferirem, discordem destas linhas. Não tem problema. Um texto que desabrocha pretendendo ter razão é como uma aula de escrita criativa: faz um bem maior quando ninguém escuta.

SOBRE OS SERES URBANOS E AS PESSOAS QUE OS CERCAM

Certo dia um hippie envelhecido me disse que a convivência urbana é como um pacto com o diabo, você dá a vida à cidade, e ela te mantém vivo, como um escrevo conveniente. Não é diferente com a literatura. A literatura, como já devem ter notado, tem sofrido diversos atentados nos presentes anos. Contra os pragmáticos, por exemplo, já devem ter sido abertos diversos inquéritos por acusações de delitos contra a vida da literatura, que é sempre salva por aqueles que não lhes dão ouvidos.

Para aqueles que não os conhece, os pragmáticos da escrita são os escravos da gramática. Eles não se permitem neologismos, popularismos nem tampouco a sabedoria de brincar com as dicotomias. Os pragmáticos da literatura fazem da língua uma ciência exata (por isso me mantenho sempre distante dessa classe).

Por conta destes malfeitores, a literatura está começando a me enjoar, assim como tudo o que rouba o meu tempo de contemplar coisas grandes. Embora o conceito de homem acinzentado se apresente com aparência de uma espécie de um nirvana marginal, para ele – que sou eu –, a tranquilidade é um sinônimo de

preguiça. Não consigo negar a vitalidade. Meu coração pulsa. Quero conquistar ao mundo inteiro, ou o mundo inteiro, e não aceito que ninguém pense diferente. Neste aspecto, sou intolerante. A única condição capaz de justificar a falta de vitalidade de um homem é a velhice. Não há poema mais triste que a velhice. Por isso há tanta comoção quando aqueles que a alcançam conseguem manter a serenidade.

Neste cenário, a dor da alma se instala e prova que é igual para todos os homens do mundo, não importa o motivo. A velhice pode provocar em todo jovem o constante medo do futuro, porém, se engana quem pensa que o homem-urbano é vítima de tal aflição. Ocorre que ele é, acima de tudo, desesperançoso; não espera que nada de melhor surja no futuro.

Ao contrário do que se deve pensar, essa característica não traz legitimidade para que o chamem de triste, pessimista, melancólico, ou quaisquer derivados que o associem à figura de um homem sombrio, amargurado e solitário, afinal, ele está sempre preparado para o pior, e por isso consegue sobreviver. Comumente até sorri em meio a tudo isso, carregando a serenidade de um monge budista enquanto inala a fumaça cinzenta das indústrias.

O homem-urbano está sempre cercado, por todos os lados, seja de robôs midiáticos, ou de reproduções de

estereótipos criados pela televisão e pela contracultura.

"Reproduções de estereótipos criados pela contracultura?", "Mas a contracultura não é uma manifestação em contraposição a isso?", você me pergunta, confuso, assim como já me perguntei um dia, esperando que eu prontamente corrija o meu possível equívoco. No entanto, sinto dizer-lhe que este é um questionamento feito por alguém que foi condicionado a jamais pensar com a própria cabeça, se considerado que, se faz evidente que justamente esses dois nichos que se confundem, são aqueles que sufocam o homem das cidades. De um lado estão os reprodutores de informação, os que perderam a capacidade de pensar por si só, e, do outro lado, uma manada de declamadores contra o senso comum, acreditando serem diferentes por cultuar garrafas. Os segundos, por acreditarem que são superiores por conta dessa irrisória diferença de valores, chegam a serem engraçados. Tristemente engraçados. É de uma comicidade trágica assisti-los fingindo que o álcool lhes traz felicidade e não uma mera distração diante da vida, que passa pela janela e lhes assusta ao lembrar-lhes o que estão fazendo com ela.

Ao olhar para estes seres, que veem as artérias do mundo pulsando; novos trilhos prontos para fugirem dos caminhos postos; cidades prontas para serem desvendadas, e se satisfazem com o que encontram numa

televisão, percebo que a vida é muito mais fascinante do que a sociedade. Mas, ainda assim, não consigo excluir a sociedade da vida. Até mesmo seus conflitos triviais contemplam os prazeres do ser-urbano. Às vezes tento olhá-los e imaginar que possuem um cérebro igual ao das pessoas que pensam, mas não consigo.

SOBRE O SUICÍDIO E A MORTE

Desde a frustração vivida no episódio descrito como a minha descoberta da cidade, desenvolvi um forte apreço pelas obras dos suicidas. Me encontrei fascinado pelas interpretações viscerais de Robin Williams e Heath Ledger; pelas composições de Kurt Cobain; pelas fotografias de Marilyn Monroe; pelos livros de Goethe, David Foster Wallace, Virginia Woolf, Hemingway, Hunter Thompson; pelas cartas de Kurt, Van Gogh... mas nunca, de fato, me classifiquei como um deles, afinal, como como desejar a morte alguém que ama a vida?

Antes de realizar a provação natural que acontece após o enfrentamento a todos os conflitos pessoais por meio da sensibilidade em face dos pequenos detalhes, o homem comum, antes de se acinzentar, enfrenta o único dilema filosófico realmente sério, de acordo com o escritor argelino Albert Camus: o suicídio. O suicídio, prática adotada e até romantizada por diversos artistas, há de constituir uma fase vital na formação do homem acinzentado. Para que se torne um iconoclasta e se permita enxergar tudo sob a própria ótica, o homem acinzentado precisa notar onde está a contramão, e é o suicídio que lhe permite essa travessia. Ao enxergar a

pequenez dos que abominam o suicídio, e o desperdício dos que o admiram, ele se vê feliz contemplando os horizontes e os corpos que saltam dos prédios. O mundo muda a cada instante, e poder assistir a essa audiência entre o destino e os homens como um juiz é um prazer que apenas o ser-urbano pode ter.

“Isso é puro egoísmo”, vocês devem dizer, me condenando mais uma vez. Porém, pensem comigo: se tantas vidas são desperdiçadas, dia após dia, por milhões de pessoas que precisam deixar de viver para que consigam sobreviver, porque não findar o sofrimento de tantos homens que vivem apenas quando termina o trabalho? Por que não dar logo um fim à isso quando se sabe que a vida, de fato, começa sempre tarde demais?. Eu odiaria que me impedissem de morrer quando este fosse um desejo meu, sob quaisquer circunstâncias. Essas pessoas constituem uma avassaladora maioria, e isso legitimaria a compaixão por trás do meu egoísmo.

Tal entendimento jamais fora compreendido por conta da rejeição humana de se conformar com a própria insignificância. A vida é, de fato, fascinante e maravilhosa, mas o homem é frágil como carregadores de celular piratas. Não há motivos para se lamentar sobre a morte, somente a dor de perder as pessoas que figuram o seu convívio. Aprendi isso quando meu coração se concretizou. E, agora, quando penso nos suicidas, em

total consciência da minha posição incapaz de compreendê-los, me pergunto como pode um homem ter uma vida e não ser capaz desfrutá-la. Nesses momentos, me parece que quase todas as pessoas que conheço são acometidas pelo mesmo distúrbio – ou surto de consciência -, se assim posso chamar. Nunca me senti capaz de afirmar se determinados distúrbios psicológicos são problemas ou soluções. Fato é que conheço manadas de seres humanos que afirmam sequer ter cogitado o suicídio, mas que nunca se pegaram vivendo, de fato. Como também escreveu Camus, *“muitas pessoas morrem por considerarem que a vida não merece ser vivida. Outros, se fazem paradoxalmente matar pelas ideias ou pelas ilusões que lhes dão uma razão de viver (o que se chama uma razão de viver é ao mesmo tempo uma excelente razão de morrer)*. Na maioria das vezes, foram enganados acreditando que estavam vivendo de acordo com o que foram condicionados a viver. Em outras, foram enganados acreditando que estavam morrendo lentamente.

Sobre as mortes daqueles que ainda vivem, Bukowski me deixou sem alternativas senão a repetição das suas palavras: *“Não há nada a lamentar sobre a morte, assim como não há nada a lamentar sobre o crescimento de uma flor. O que é terrível não é a morte, mas as vidas que as pessoas levam ou não levam até a sua morte. (...) Toque para elas a maior música de todos os tempos e elas não*

conseguem ouvi-la. A maioria das mortes das pessoas é uma empulhação. Não sobra nada para morrer.” Nenhuma pessoa seria capaz de descrever a mais racional interpretação da morte sem ser acusado de plagiá-lo. Por isso, preferi manter aqui, como naqueles diários adolescentes, duas citações integrais daqueles que melhor descrêveram a morte como um fenômeno social.

Como justificativa quando exponho estas ideias e sou insultado pelos comuns, afirmam que estou ensandecido, que fui devorado pela “ideologia alternativa” – se referem a tudo que foge do comum como “alterna-tivo”, talvez um dos maiores elogios contemporâneos -, e que o que digo é uma injustiça e um desrespeito ao modo de vida que levam. Ora, como podem as pessoas nascerem sem nada e ainda assim discutirem e acreditarem na justiça? Tudo isso só pode ter surgido do colorido dos sonhos dos devaneastes. É por isso que digo: se não fosse o meu ceticismo não teria feito as minhas melhores descobertas. É para isso que surge o homem acinzentado. Para rir disso tudo.

A vida é curiosa, fascinante e trágica, mas é também, sobretudo, cômica. Demasiadamente cômica. Bem, você passa anos se alimentando, conhece o mundo, tem a sua vida tutelada pelo estado, às vezes espia o que há por detrás do muro, sorri, volta para a sua rotina, eventualmente se apaixona; tudo isso para, num belo dia,

num acidente, numa queda ou após se encontrar com uma bala perdida, tudo ser desfeito. Uma prova da lei de Newton. E então você é reduzido a um mero pedaço de carne no chão, levado para debaixo da terra, comido por vermes, lembrado nas memórias de alguns conhecidos, e depois, enfim, esquecido para sempre. Não é ridículo? Isso deveria fazer com que nós vivêssemos em profundo êxtase, mas não faz.

O homem-urbano está sempre entre o êxtase e o medo da morte.

SOBRE ESCRAVOS E GÊNIOS

Creio que agora tenho de contar sobre essa insaciável e sem-vergonha vontade de ousar escrever sobre as irrisórias convenções sociais desmedidamente. Bem, ocorre que, todo homem-urbano é também um iconoclasta. E como um bom iconoclasta, eu me permito não gostar dos tidos como gênios, dos que eu simplesmente escolho não gostar, e de tudo aquilo que é tido como aceitável também. As opiniões existem para serem atacadas. Os seres humanos nascem para serem julgados.

Ocorre que o homem-urbano é um ser artístico, e todo artista precisa julgar e condenar para se construir. Em tudo ele vê arte, e sobre tudo quer escrever, pintar e compor. Por isso a sua existência é tão cinza, sombria e deliciosa. Porém, é sabido que sua arte jamais será reconhecida, graças ao excesso de espaço dado para todos e qualquer um. Nas ruas, péssimos artistas se proliferaram feito ratos, acreditando em sua arte por terem escutado de algum professor, terapeuta ou familiar, que tinham talento. Nas oficinas de escrita criativa e nas palestras maus artistas imitam suas referências, sem originalidade alguma, e sem nada para realmente dizer.

O homem-urbano é atingido a tiros pelo

capitalismo, e agradece a ele por lhe dar material para extrair literatura, música, e os mais surrealistas quadros, que de surreais passaram a ter apenas os nomes. Para isto surge este tratado sobre o vil rumo da humanidade; para expor os absurdos que ninguém quer escutar. Pois é, meus amigos – pois inimigos se tenho não lhes concedo o prazer de saber que sei que existem –, é difícil acreditar que a realidade engole a ficção a cada notícia de jornal.

A verdade é que você pode buscar argumentos para justificar a genialidade de tudo que é tido como interessante e não te tocou; pode utilizar dicionários para encontrar adjetivos valorativos para classificar os ditos intelectuais e a genialidade daquilo que afirma não ter tido capacidade de entender, mas nada será mais grandioso do que aquilo que faz explodir uma bomba de emoções dentro de ti. Pois, quando isso acontecer, você já não precisará de mais nada para que tenha essa certeza. Seus braços estarão arrepiados; as suas pernas, bambas, e o seu coração apresentará palpitações que te convencerão de que ele saltará a qualquer instante. Mas isso acontece cada vez com menor frequência. As grandes obras morrem todos os dias asfixiadas em bibliotecas empoeiradas.

Em razão disso, escrevo aqui para lhe dizer que quase tudo está perdido, mas nem tudo. Escrevo para te dizer que maturidade é a pior ilusão da vida, e que a vida

adulta é na maioria das vezes um purgatório. Escrevo para te pedir que olhe para o outro lado antes de qualquer coisa. Escrevo para te pedir que siga o conselho de Bukowski: *“para onde quer que as massas forem, vá para o outro lado. Por séculos estiveram errados, e sempre estarão”*. Vão tentar te convencer de que ser um vencedor é trabalhar até ter sucesso profissional, ter uma carreira próspera e morrer tendo amigos falsos que te paparicam e esquecem-se de ti assim que o caixão se fecha. Vão te convencer de que as tendências são o caminho; de que as pessoas são iguais; de que os costumes são absolutos, e de que a vida é bonita da janela de glamorosos edifícios. Escrevo porque me deprime saber que determinados leitores enxergarão tais conquistas como merecedoras de prestígio, e me entristece saber que cada vez são mais difíceis de se encontrar aqueles que ainda pensam com a própria cabeça.

Às vezes, em meio a tudo isso, enquanto escuto histórias, fofocas ou confissões que as pessoas confiam a mim, me pego distraído, olhando diretamente para os seus olhos, assistindo aos seus lábios que me contam coisas inúteis e desinteressantes, surpreso e aterrorizado: elas parecem não saber que um dia irão morrer.

Estive aqui, frente a estas folhas, escrevendo e reescrevendo notas e desenvolvendo repetições de reflexões já feitas no passado e, quando me pergunto,

sobre a motivação por trás destas palavras que não param de sair, mais uma vez sendo otimista o bastante para supor que algum leitor, em algum lugar se importa e também se pergunta o motivo, me sinto desesperado, nervoso, vil, ridículo. Pois, se há uma resposta verdadeira, eis que escrevo este livro por pura vaidade e empatia. Como dois sentimentos tão diferentes podem explicar uma razão? Bem, o objetivo da minha narrativa é aproximar a literatura da vida, e a vida é pura vaidade e empatia. Escrevo porque não tenho nada mais interessante para fazer, e nada me diverte mais que exibir a imbecilidade humana. Os escravos servirão. A mangueira só molha aquele que não a enxerga como um banho dos céus, e enquanto me molho, foco no arco-íris.

SOBRE AS FLORES E O CONCRETO

Ao fim deste meu despejo de palavras, você deve, inocentemente, me perguntar: “até que ponto esse homem tem razão?”, e eu retruco: de que adianta há um homem ter razão? Esta é uma ilusão tamanha! Passei grande parte da minha vida buscando argumentos que consolidassem as minhas ideias, opiniões e crenças, no entanto, me lembro muito bem da minha frustração ao crer, pela primeira vez, que tinha razão sobre uma questão, após muito ter discutido sobre o tema. E a minha frustração consistiu em constatar que: de nada adiantava possuí-la. Naquele momento, me dei conta da minha total insignificância perante o mundo e, evidentemente, também notei a constante insignificância das minhas ideias. Através dela, da razão. Percebam como ela é mais indecente e sem valor que quaisquer atos que muitos classificam como promíscuos. Se alisarem bem e tomarem consciência das suas constantes possibilidades de morte a todo instante, notarão que mais vale uma orgia a ter razão.

A partir de então, abandonei a sua busca. O necessitar de fundamentos me entediava e me dava sono. Hoje eu aceitei o absurdo, como Camus abraçou certo dia,

e tenho o abraçado e beijado, assim como faço com tudo que me pareça possível e coerente. Com isso, meu leque de ideias se tornou bem maior. Os filósofos podem alegar que não tenho fundamentos, que com isso não posso chegar a lugar nenhum, mas, senhores, me digam: o que é a filosofia senão um eterno caminhar a lugar nenhum? Bem, ao menos me divirto com excitação perante as novas possibilidades de investigar o impossível.

Portanto, não se confundam, este livro é um erro, e por isso tem razão. E antes que me acusem de expor tamanhos absurdos de acordo com a concepção das mentes triviais, sinto-me na responsabilidade de dizer apenas que não me importo com a suposta responsabilidade a qual muitos me atribuem como “formador de opiniões”. Ora, que coisa ridícula! Esta posição deveria fazer com que todos superassem os seus limites, e ousassem socar os ouvidos alheios com palavras, e não que pusessem rédeas em si próprios!

Depois de tão extensa confissão, meus dedos pesam, e já não sei ao certo qual é o meu lugar. Onde é o meu lugar, afinal? Devo viver nos subúrbios? Nos edifícios empresariais? O que sou? Quem frequenta lançamentos e palestras sabe muito bem que se qualificar como escritor é como dar um tiro no próprio pé, e por isso me esquivo dessa classificação. Na filosofia, definitivamente não devo morar. Que devo fazer agora? A cidade já não me cabe,

parece pequena. Oh, mas é tão vasta e extensa se olhada de baixo... Quem sabe, fugir? Para onde? Para o mato? Devo agora me desdizer e buscar novas respostas nos campos e nos vales? Não, eu não sobreviveria. Um homem que se acostuma com o caos jamais suportará a paz. Ou, talvez... desculpem-me senhores, acho que estou ficando confuso. Meu coração parece estar a todo momento prestes a florescer. É engraçado, há sempre flores tentando colorir o concreto.

Esqueçam tudo o que falei. Está tudo errado. Quer dizer... está? Bem, estou indo embora. Espero em breve não descobrir quem sou, mais uma vez.

O homem-urbano é uma confusão.

O HOMEM ACINZENTADO

Copyright 2018 . Matheus Peleteiro

Published by
Appaloosa Online Indie Publishing

www.appaloosabooks.com